

“Carolina profetizou o século XXI”

Cyda Moreno (Atriz e Professora de Arte)



Foto: Cyda Moreno representando Carolina Maria de Jesus (arquivo particular de Cyda)

“Viver Carolina no teatro me possibilitou resgatar toda uma memória que trago em meu corpo, ainda muito latente, da perversidade do racismo e exclusão para com o povo negro, em todas as nossas estruturas sociais.

A saga de Carolina é a saga de nossas ancestrais negras, que tiveram que extrair do seu próprio corpo, subsídios para a sobrevivência de si e de seus pares. Nós, mulheres negras, somos herdeiras da mão de obra escrava e barata que sustentou este país: lavadeiras, quituteiras, empregadas domésticas, faxineiras, analfabetas e excluídas. Reviver Carolina é mostrar a força de mulheres negras que subverteram a ordem para ocuparem espaços, respeito e dignidade a estes corpos pretos, até hoje abatidos pelo sistema. Carolina extraiu do lixo, da miséria, do racismo e da sua condição social, a mais rara, real e contundente literatura. Emprestar minha voz e meu corpo para resgatar a força de Carolina, é a oportunidade de trazer para nossas mulheres negras, a credibilidade em si, enquanto potência que somos, e se permitir sonhar, acreditando que dentro de nós e amparadas pelas nossas ancestrais, está a nossa força para ultrapassar todas as

barreiras impostas por esta sociedade excludente, que insiste em perpetuar toda a sorte de violência norteadá pela preta. Carolina vive em cada uma de nós, mulheres pretas. E ainda somos muitas, milhares de mulheres, que retiram do lixo o alimento diário para seus filhos, e ainda lutam por espaço, teto, respeito e pela dignidade da vida.



Foto: Cyda Moreno (arquivo particular de Cyda)

Carolina profetizou o século XXI. Em seu livro Quarto de despejo, publicado há 60 anos, ela lamenta a nossa condição política: 'no Brasil tudo está enfraquecendo. O dinheiro, a democracia é (sic) fraca, e os políticos fraquíssimos...' Ela estava falando da década de 1950. Imagine, com o seu brilhantismo, visão e intelectualidade, o que não estaria escrevendo agora, sobre nossa atual conjuntura política. Carolina foi uma mulher rebelde, inconformada, antenada, politizada, feminista, que defendia arduamente a reforma agrária. Se vivesse hoje, seria mais uma voz para lutar contra este nosso regime de apartheid, contra a necro política, que tem o corpo negro como alvo do extermínio social.

Sua obra continuaria sendo uma obra de denúncia social, um instrumento de luta para despertar nossa sociedade contra tantas injustiças sociais. Com certeza não seria aceita. Seria crucificada como comunista e socialista, como todos os que vem lutando por uma sociedade igualitária.

Com certeza, seria uma voz a ser calada, e possivelmente fariam com ela o que fizeram depois do golpe de 64: delegariam-na (*sic*) ao esquecimento, e ao retorno ao 'Quarto de despejo'."